



## MARTIN HEIDEGGER: A PROPÓSITO DE UMA BIOGRAFIA

A publicação de mais um livro sobre Martin Heidegger (1889-1976), no Brasil, é um atestado de que o interesse pelo filósofo está em alta. É evidente que não dá para comparar com outros países como a França, os Estados Unidos, a Espanha e a Itália (além da Alemanha, é claro), mas consola-nos o aumento editorial dos últimos tempos versando o pensamento de um filósofo dos mais ricos e complexos dos últimos tempos.

Pode-se dizer que é a partir dos anos 50, que o filósofo passou a ser estudado com mais empenho nos círculos universitários brasileiros e mesmo fora deles. A partir daí, uma tímida série de publicações teve lugar. Como responsáveis pela difusão do filósofo, podemos citar Emanuel Carneiro Leão (discípulo de Heidegger), Benedito Nunes (aluno de Paul Ricoeur e Maurice Merleau-Ponty, manifestou sua predileção pela filosofia de Husserl, nascendo, desse encontro uma meticulosa leitura de Heidegger), Gerd Bornheim (na verdade, o introdutor de Heidegger no Brasil, especialmente através de sua ontologia) e outros. Ao lado disso, as teses universitárias, as pesquisas, os artigos, os ensaios, as diferentes interpretações ganharam seu espaço e seus leitores. Destacamos, especialmente a revista **Tempo Brasileiro**, dirigida por Eduardo Portela que, nessa época, abriu espaço para discussão do filósofo da "floresta negra". Enquanto editora, a Tempo Brasileiro publicou **Introdução à metafísica** e **Sobre o humanismo**. A editora Duas Cidades trouxe a lume **Sobre a essência do fundamento**, e a Abril Cultural lançou **Conferências e escritos filosóficos** (Coleção "Os pensadores").

No que se refere a casos da vida particular do filósofo, algumas obras já foram publicadas no Brasil, tratando, especialmente de dois deles, considerados os mais notórios: a saber, sua curta ligação com o nazismo e o envolvimento amoroso com Hannah Arendt.

O primeiro deles, não resta dúvida, deu lugar para seus opositores usarem o argumento *ad hominem* no combate às teorias heideggerianas. Afinal, estranha-se sua adesão ao Partido Nazista, em 1933, e a conseqüente aceitação do reitorado da Universidade de Freiburg. Como qualquer ser humano, Heidegger alimentava funções políticas e desejos de ocupar cargos de direção. Ou, no mínimo, confundiu a ideologia nazista com a Alemanha. Além do mais, é de se estranhar suas opiniões e depoimentos con-

traditórios publicados pelo *Der Spiegel*<sup>1</sup>, em 1966, bem como sua ação destituída de generosidade para com Husserl, retirando a dedicatória ao mestre na reedição de *Ser e Tempo*<sup>2</sup>. Além disso, por ocasião da morte de Husserl, ventila-se que houve tentativa de se inibir professores a comparecer ao funeral do mestre de Heidegger. Com relação a retirada da dedicatória, alegou que o fato se deu como exigência do editor. E, por ocasião do falecimento do mestre, disse não ter comparecido ao enterro por motivo de doença<sup>3</sup>.

Aliás, é bom recordar um episódio que teria acontecido há pouco mais de uma década. Otto Pögeller, em outubro de 1990, na mesma Universidade de Freiburg, ao pronunciar uma conferência, que reunia estudantes, professores e autoridades, sob o tema "Heidegger e o Nacional Socialismo", levantou suspeita sobre desculpa dada pelo filósofo sobre o não-comparecimento ao ritual fúnebre de seu antigo mestre. Pögeller sugeria que a ausência se devia a motivos políticos. Imediatamente, levantou-se da plateia um senhor de cabelos grisalhos e, de forma tranqüila, interrompeu a palestra. Com firmeza, voltando-se para o público, disse: "Isso não é correto. Lembro-me perfeitamente de que Heidegger estava doente naquela dia". Após espalhar um discreto rumor pelo auditório, sentou-se, e continuou a ouvir a conclusão da conferência. Algumas horas mais tarde, descobriu-se a identidade do cidadão: era Hermann Heidegger, um dos filhos do filósofo, encarregado da edição da obra completa do pai.

Com a cumplicidade de Heidegger ou não, o fato é que Husserl, figura de primeira grandeza no cenário filosófico da época, após a subida de Hitler ao poder, por conta de sua condição de judeu, cada vez mais foi perdendo espaço na universidade, morrendo, em 1938, completamente isolado. Contudo, atribuir tal isolamento exclusivamente a Heidegger seria uma perversidade.

Heidegger foi levado, como muitos outros, a pensar (pelo menos, durante um ano) que o movimento nacional-socialista seria a tábua de salva-

---

<sup>1</sup> É bom lembrar que tal depoimento foi dado sob condições, ou seja, a entrevista deveria ser publicada após sua morte. Se há o que censurar é a ingenuidade de um filósofo do porte de Heidegger, confiando que, de fato, o jornal iria cumprir sua palavra em assunto tão "explosivo".

<sup>2</sup> A tradução para o português conserva a dedicatória.

<sup>3</sup> Sobre esse período, é indispensável a leitura do livro de Hugo Ott, que, não havendo versão para nossa língua, cito na tradução francesa, *Martin Heidegger. Éléments pour une biographie*. Paris: Payot, 1990. A edição no original alemão é de 1988.

ção para a Alemanha. Ele próprio, logo sentiu a desilusão, razão pela qual renunciou o reitorado de Freiburg, afastou-se das atividades partidárias e, em pequenos grupos, especialmente nos seus cursos, criticava a ideologia oficial do regime nazista. Não foi gratuitamente que, até ao fim da segunda Guerra, foi “premiado” com a vigilância do Partido e com a censura e boicote dos órgãos governamentais. Contudo, seu maior pecado talvez tenha sido o silêncio sobre o episódio. É conhecida sua recusa de penitenciar-se da culpa, mediante pedido de Marcuse e Bultmann.

Aqui no Brasil, a questão tomou corpo e candência no final dos anos 80, quando foi publicada a obra de Victor Farias<sup>4</sup>, merecendo, de imediato, a tradução para nossa língua. O mesmo se deu com a defesa de Francis Fédier<sup>5</sup>. Este, para sustentar sua oposição ao pensamento de Farias, recorre à lembrança do homem, enquanto tal: “Ver em Heidegger apenas violência é encobrir também uma característica do homem Heidegger, aquele com quem era possível um encontro, com quem se podia falar, um traço de caráter que chamava a atenção de todos aqueles que o conheceram bem”. Apesar de figura pública da maior importância, “não ficava à vontade - a não ser onde ele se sentia ou em casa, ou ignoto. Sua notoriedade pesava para ele e o tornava desconfiado”<sup>6</sup>.

Talvez o maior equívoco de Farias esteja em estabelecer um nexo entre os escritos heideggerianos da fase militante (cujo cunho ideológico facilmente é percebido) com a elaboração da historicidade de outras categorias de *Ser e Tempo*. O professor Benedito Nunes não vê profundidade nas denúncias de Farias. Chega a chamá-lo de “publicista chileno”<sup>7</sup> e de “promotor público”<sup>8</sup>, referências nada elogiosas para o contexto.

Podem ser citados, ainda, os livros de Zeljko Loparic, *Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia* (Papyrus, 1990) e *Ética e Finitude* (EDUC, 1995). Este último (na verdade, uma coletânea de textos escritos em épocas diferentes) não é uma refutação direta às teses de Farias. Entre-

---

<sup>4</sup> Victor Farias, *Heidegger e o nazismo. Moral e política*. Trad. de Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>5</sup> Francis Fédier, *Heidegger. Anatomia de um escândalo*. Trad. de Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1989. O original francês foi publicado em Paris pelas Éditions Robert Lafont, em 1988.

<sup>6</sup> François Fédier, op. cit., p. 145.

<sup>7</sup> Cf. Benedito Nunes, *Variações de um tema: o nazismo de Heidegger*. In: *No tempo do nihilismo e outros ensaios*. S. Paulo: Ática, 1994, p. 23.

<sup>8</sup> Id., ib., p. 24 e 27.

tanto, detém-se na análise de algumas obras de Heidegger, especialmente *Ser e Tempo e Introdução à Metafísica*, tentando identificar nelas o traço de sua ética (cf. p. 57s).

Não podemos dizer que o livro de Loparic seria um eco retardatário de uma polêmica arrefecida entre intelectuais alemães e franceses. É evidente que, nesses países, a candência da questão já havia diminuído. É bom lembrar que, em 1946, Karl Jaspers recomenda o arrefecimento das críticas para a continuidade de seu trabalho na universidade. Próximo a esse período, na França, Sartre levanta uma questão até então não muito levada a sério: é necessário que a biografia de Heidegger deva ser deixada de lado para a compreensão de seu pensamento.

Entretanto, vivemos num país onde os grandes temas tratados na Europa ou nos Estados Unidos chegam com relativa demora. Por isso, consideramos de teor radical a observação formulada por Benedito Nunes, na forma interrogativa: "Depois da enxurrada de publicações que o escrito de Victor Farias (...) provocou, o que ainda se pode dizer em português pró e contra Heidegger que já não tenhamos lido em francês"?<sup>9</sup>. O que poderia ser discutido é o fato de que subjaz, ao longo do texto, a idéia de que o caso Heidegger deva ser tratado como causa de uma indagação ética e política generalizada.

Na defesa de Heidegger, Loparic exagera, a meu ver, quando parte para o argumento *ad hominem*, ao reportar-se ao fato de que os jornais, na ocasião, haviam anunciado, com ênfase, ser Victor Farias "aluno" (sic) de Heidegger. E pontifica: "Cabe ser mais preciso. Quando Farias chegou à Alemanha, Heidegger já estava aposentado e a tese de Farias sobre F. Brentano, defendida em 1967, foi orientada por G. Schmidt, do círculo de Eugen Fink e não por Heidegger. O contato discente de Farias com Heidegger limitou-se aos seminários sobre Heráclito"<sup>10</sup>.

Seria pretensiosa a tentativa de inventariar outros escritos (artigos, ensaios, etc) sobre o assunto, que circularam em jornais e revistas especializadas ou em obras coletivas.

Em relação ao segundo caso, ou seja, no que se refere à sua ligação amorosa com Hannah Arendt, o leitor de língua inglesa já tinha algum conhecimento, quando os contornos básicos desse relacionamento foram

<sup>9</sup> Benedito Nunes, id., *ib.*, p. 36.

<sup>10</sup> Zljko Loparic, *Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia*. Campinas: Papirus, 1990, p. 16, n. 3.

repassados em 1982, pela biógrafa Elizabeth Young-Bruhel que lançou seu estudo *Hannah Arendt, for love of the world*<sup>11</sup>. Outras obras trataram do episódio e algumas chegaram até nós, especialmente o volume contendo as cartas escritas por ambos, entre 1925 e 1975, e publicado pela Relume Damará<sup>12</sup>.

Tudo isso veio a reforçar a idéia de que lá nas profundezas de nosso ser ainda está presente a imagem do filósofo que nos foi repassada: a de um ser impassível e, talvez, assexuado. Mesmo porque, se tivermos um pouco de conhecimento de história da filosofia, iremos perceber que a mesma não confirma essa imagem. Apenas para citar um exemplo, lembramos o de Mestre Abelardo e seu ardente amor por Heloísa, em plena Idade Média. Mais recentemente, propagou-se a versão de que a aristocrata Lou Andreas Salomé<sup>13</sup> abriu feridas nos corações do filósofo F. Nietzsche e do poeta Rainer Maria-Rilke. Bela e culta, nascida de uma abastada família russa, foi uma das mulheres que mais exerceu atração sobre as pessoas que dominavam a cultura européia, em sua época. Nessa lista figuram Wagner, Tolstoi, Hofmannsthal, Strindberg, Hauptmann, Buber, Freud, etc. Foi amiga de músicos e poetas. Aproximou-se de dramaturgos, filósofos e médicos.

Voltando às obras de Heidegger publicadas no Brasil, não devemos esquecer seu texto mais citado e, talvez, o menos entendido, *Ser e Tempo*<sup>14</sup>, resultado de um trabalho esmerado da filósofa Márcia de Sá Cavalcante. Mais recentemente, devemos à Relume Dumará a publicação de um dos volumes de sua obra póstuma, *Heráclito*, texto denso com algumas citações dos fragmentos do pensador de Éfeso, em grego. Esse primeiro

---

<sup>11</sup> Publicado em inglês pela Yale University Press. O referido texto chegou até nós em 1997, na tradução de Antônio Trânsito com o título *Hannah Arendt. Por amor ao mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

<sup>12</sup> Ursula Ludz, *Hannah Arendt e Martin Heidegger. Correspondência 1925-1975*. Trad. de Marco Antônio Casa Nova. A editora alemã dessas cartas intitula a primeira fase de *Der Blick* (algo próximo de "vista" ou "olhar"). A primeira carta, de 10 de fevereiro de 1925 foi escrita por Heidegger. Os termos iniciais que evidenciam a evolução da forma de tratamento são: "Liebes fräulein Arendt". "Liebe Hannah" ou simplesmente "Hannah" são as formas utilizadas nas cartas subsequentes.

<sup>13</sup> A vida de Lou Andreas-Salomé ganhou, recentemente, uma nova versão através de uma biografia escrita por Luzilá Gonçalves Ferreira, professora da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora de literatura escrita por mulheres. Cf. *Humana, demasiado humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. O título, evidentemente nos remete à conhecida obra de Nietzsche.

<sup>14</sup> Publicado pela Editora Vozes, em 1988.

volume traz como subtítulo: *A origem do pensamento ocidental. Lógica. A doutrina heraclítica do lógos* (Rio, 1998).

Reconhecemos que muita coisa está para chegar até nós, em nossa língua, uma vez que a edição completa do pensador alemão continua a ser publicada, sob direção de seu filho Hermann, tendo como roteiro as indicações deixadas pelo pai. Não é qualquer exagero dizer que essa publicação (obra completa) está próxima de uma centena de volumes.

Por isso, a obra de Safranski<sup>15</sup>, tema principal deste artigo, vem alinhar-se às contribuições anteriores, não para acrescentar mais um texto sobre o filósofo da "Floresta Negra" e, sim, para apresentar uma biografia diferenciada. Pelo subtítulo pode-se perceber o cuidado com que o autor tentou fugir aos possíveis maniqueísmos ou rotulações adrede arranjadas: *Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*.

O autor, Rüdiger Safranski, 56 anos de idade, reside em Berlim. Não se trata de um iniciante na pesquisa filosófica, visto que já publicou um estudo *Das Böse oder das Drama der Freiheit (O mal ou o drama da liberdade)*, texto em que repassa os dados da mitologia, a contribuição de Santo Agostinho, de Schelling e até de Hitler. É autor, também, de um estudo sobre Schopenhauer (1987) e sobre E.T.A. Hoffmann (1984), e a Geração Editorial já está anunciando, ainda para este ano, a publicação de sua biografia de Nietzsche que, possivelmente, levará o seguinte título: *Nietzsche. Biografia de uma tragédia*.

A obra é composta de 25 capítulos. Sua tradução partiu da terceira edição alemã e, segundo a crítica abalizada, tem sido considerada a mais completa em termos de biografia do autor de *Ser e Tempo*. Em função disso, já foi traduzida para vários idiomas. Não apenas isso. Foi elogiada por diversos filósofos, como Richard Rorty, por exemplo. A grande virtude do trabalho de Safranski está, a nosso ver, em buscar uma visão integral do filósofo, fundindo vida e obra do biografado. Seu lançamento no Brasil vem preencher o espaço que faltava para uma obra equilibrada e destituída, na medida do possível, de qualquer preconceito. De fato, não seleciona episódios que permitam a "heroicização" do personagem, com o objetivo de servir de modelo ou paradigma para o público, nem elementos que favoreçam tão somente uma espécie de "satanização", levantando, com maledicência, os aspectos mais torpes de sua vida.

<sup>15</sup> Rüdiger Safranski, *Heidegger. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lia Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000. 518p.

O autor vai recompondo os caminhos intelectuais do filósofo, mostrando a evolução de sua obra no tempo, sem deixar de assinalar o momento em que certas idéias começam a tomar forma no interior de seu pensamento. Mostra a importância de sua obra *Ser e Tempo*. Não despreza os tempos anteriores, a saber, seus escritos sobre Aristóteles, os textos sobre a Filosofia Medieval, as abordagens sobre a lógica e a ontologia, etc. Mas, deixa claro que foi a publicação desse livro, em 1927, que Heidegger passou a ser considerado o filósofo mais criativo e não um virtuoso intérprete ou grande revitalizador da tradição filosófica

Safranski procurou em várias instituições os dados para sua pesquisa, além de ouvir pessoas ligadas a Heidegger. Mas o que conta mesmo é que revela profundo conhecimento dos textos do filósofo e isso o ajudou a decidir sobre questões mais profundas, capacitando-o a apresentar um perfil mais próximo de seu biografado. Assim, Heidegger aparece por inteiro em sua obra, desde sua infância católica, como filho de sacristão. Revela seu desejo de seguir a carreira eclesiástica, sua paixão pelo pensamento grego, seu contato com a fenomenologia de Husserl. Nota-se que, nos casos mais delicados, Safranski procura manter um tom respeitoso, sem espírito sectário. Por isso, não ergue, de forma gratuita, tribunais para julgamento do filósofo. Contudo, jamais deixa de ser crítico, ao abordar os aspectos particulares de sua vida anteriormente referidos. E isso confere à presente obra o caráter de seriedade. Apresenta-nos o grande pensador de seu tempo, e, também, o homem comum, que vacila diante dos percalços da existência

O grande mérito da obra está em não reduzir a obra do filósofo à sua vida nem dissociar o pensador do pensamento. Mais do que uma biografia, temos um inventário intelectual, uma vez que o autor levanta não só as questões que dizem respeito exclusivamente a Heidegger, como o cenário político e intelectual da Europa do século vinte. Além disso, apresenta-nos um Heidegger preocupado com os aspectos fundantes do pensamento ocidental. Para ele, filosofar é sempre recomeçar, sempre voltar ao princípio, ao fundamento da própria filosofia. Daí o reforço da transcrição de parte de uma carta dirigida ao ex-prefeito do internato religioso de Constança, onde passou alguns anos como aluno, já no primeiro capítulo da obra ora discutida, em que o filósofo afirma: "Talvez a filosofia mostre mais insistente e duradouramente como o ser humano é principiante. Filosofar, em última análise, não é senão ser um principiante" (p. 27). Aliás Gerd Bornheim procurou seguir esse lema, ao presentear-nos com a tradução de



alguns dos fragmentos dos pré-socráticos<sup>16</sup>, incitando-nos para que, em matéria de filosofia, sejamos sempre um principiante (questão grega por excelência, mas nem sempre lembrada ao longo da história do pensamento da humanidade).

Ao longo da obra, não se percebe qualquer tentativa de se esquivar diante da cumplicidade de Heidegger no que se refere ao regime nazista, mesmo por um curto período. Porém, com sabedoria, não permite que esse aspecto de sua carreira obscureça suas realizações ou coloquem em dúvida a grandeza de seu pensamento. Também não deixa de tratar, é óbvio, do envolvimento amoroso com Hannah Arendt.

Segundo Safranski, o ilustre pensador e sua não menos ilustre discípula Hannah Arendt encontraram-se quando esta cursava a Universidade de Marburg, em 1924, em posições assimétricas: ela, aluna e ele, mestre famoso. Arendt tinha 18 anos e Heidegger, 17 anos mais velho, era casado. Contudo, os encontros se sucederam; a ponto de reconhecer que fora tocado pelo demoníaco e que, antes disso, nada semelhante aconteceu. Faz justiça a Elfride, esposa de Heidegger, considerada, levianamente, por muitos, uma Xantipa dos tempos modernos. Escreve Safranski: "(...)Elfride era uma boa mulher e uma fiel companheira de vida. Casara-se quando ele dava sinais da futura fama. Durante seus anos de livre-docente ela sustentara a família dando aulas numa escola. Era uma mulher emancipada e segura de si, raro caso de uma mulher formada em economia nacional" (p. 440-441). Oferecia condições, se não aos ideais, pelo menos as possíveis para o trabalho intelectual de Heidegger: "(...) tolerava sua necessidade de solidão e ao mesmo lhe dava a sensação de ter um lar" (p. 440). Não esconde, contudo, suas tendências ideológicas, assinalando que, antes de Heidegger, ela se tornara nacional-socialista, e partilhava da teoria racista e anti-semita do movimento nazista

Safranski trata do caso, especialmente no cap. VIII (p. 163ss.), prosseguindo no cap. XXII (p. 433ss.). Dá-nos a conhecer que se conheceram em 1924 e a amizade estreitou-se nos seminários organizados por R. Bultmann. É fonte principal de pesquisa, para o autor, o texto de Elzbieta Ettinger, publicado no Brasil em 1996<sup>17</sup>. Ettinger usou excertos até então inéditos e

<sup>16</sup> Gerd Bornheim, *Heráclito, fragmentos, origem do pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. A obra foi reeditada com o título de *Os pensadores originários* Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>17</sup> Cf. Elzbieta Ettinger, *Hannah Arendt - Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

recolhidos de anotações pessoais de Hannah Arendt. Contudo, criou uma publicidade antecipada em torno de seu livro no *Frankfurter Allgemeine*. Safranski basou-se no material dessa entrevista e isso resultou num processo movido por Ettinger contra Safranski e sua editora, a Hanser Verlag.

O autor deixa claro que, apesar de seu "ateísmo filosófico", a obra de Heidegger teve influências teológicas, especialmente no pensamento protestante. Lembra a frase do filósofo: "Honramos a teologia, silenciando a respeito dela" (p. 171). Por isso, a tendência existencialista tem marcado os escritos de Karl Barth, Paul Tillich, Rudolf Bultmann, Hans Jonas, Eduard Turneyesen, etc. O primeiro foi conhecido como o elaborador de uma "teologia da crise" ou "teologia dialética", e a marca do filósofo na obra de Barth, embora de forma abreviada está descrita no cap. VI (p. 146-148). Há um tronco comum, entre Heidegger e Tillich, no que concerne ao conceito de tempo. Daí o teólogo prender-se à noção de *kairós*. É bom assinalar, ainda, que Safranski reconhece o existencialismo presente nos escritos de Tillich como de raízes heideggerianas (p. 215).

Foi em 1923 que Heidegger chega à Universidade de Marburg, "bastião da teologia protestante", (p. 171) para ocupar a cátedra então desenvolvida por Nicolai Hartmann. É desse período de Marburg que nasce uma amizade profunda entre o teólogo e o filósofo. Safranski registra: "Rudolf Bultmann reunia em torno de si um círculo em que semanalmente, das oito às onze da noite, se liam textos gregos; a partir das onze, passava-se para a parte mais leve, também rigorosamente dividida no tempo: uma hora de tagarelice acadêmica, depois, com vinho e charutos, podiam-se contar piadas" (p. 167).

Não podemos opinar sobre a tradução propriamente dita. Aparentemente teve um acompanhamento minucioso, uma vez que o prof. Ernildo Stein se encarregou da revisão da terminologia filosófica. Contudo, ninguém é perfeito e, como a imperfeição está presente em tudo aquilo que fazemos, aproveitamos para apontar algumas falhas, sem desmerecer a obra como um todo.

- a) A tradutora optou por manter no original a palavra *dasein*, certamente por não encontrar uma correspondência, em português, que proporcionasse a certeza de uma tradução fiel. Assim, o contexto é que determinaria, ao longo do livro, a tradução. Atitude acertada, a nosso ver, visto que essa palavra tem sido traduzida como presença, por exemplo. Porém, a palavra não foi graficamente destacada (itá-

- lico ou negrito), incorporando-se à grafia normal do texto.
- b) Estranhamos a expressão que aparece na pág. 104, “o grupo de Stefan George Kreis”, para designar o “círculo de Stefan George”, uma vez que Kreis, em alemão, significa círculo.
  - c) Espanta-nos, também, a palavra angústia (*Angst*), de grande importância no pensamento de Heidegger como um todo, ser traduzida por medo (p. 366).
  - d) Por descuido, a obra de O. Spengler, normalmente conhecida em português como *Decadência do Ocidente*, não tem um padrão de citação. Ora é referida como *Queda do Ocidente* (p. 126 e 148) ora como *Declínio do Ocidente* (p. 147).
  - e) Na pág. 114 há uma nota de rodapé, informando que o trecho de Proust foi traduzido do alemão. Ora, se a obra foi escrita originalmente em francês, por que esse longo caminho de passar do francês para alemão e, depois para o português, especialmente quando já temos a tradução de Mário Quintana (edição de O Globo) e de Fernando Py (edição da Ediouro).

## REFERÊNCIAS

1. FARIAS, Victor. *Heidegger e o nazismo*. Moral e política. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
2. LOPARIC, Zeljko. *Heidegger réu*. Um ensaio sobre a periculosidade da filosofia. Campinas: Papirus, 1990.
3. FÉDIER, François. *Heidegger*. Anatomia de um escândalo. Trad Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1989.
4. NUNES, Benedito. *No tempo do nihilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.
5. LUDZ, Ursula (ed.) *Hannah Arendt e Martin Heidegger*. Correspondência 1925-1975. Rio de Janeiro: Relum e Dumará, 2000.
6. ETTINGER, Elzbieta. *Hannah Arendt - Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Paulo de Góes